

1

Introdução

Eternizado por Camões em *Os Lusíadas*, exemplo máximo do ideário expansionista português, no episódio do gigante Adamastor – canto V –, Manuel de Sousa Sepúlveda pode ser considerado um dos mais desafortunados navegantes da História Trágico-Marítima portuguesa, devido à sua lastimável desventura em terras africanas, onde o cavaleiro *de honrada fama*, após o naufrágio de seu galeão, viu seus filhos e mulher padecerem e morrerem.

Além da epopeia camoniana, vemos a presença desse herói trágico em outros poemas do século XVI. O poema de Luís Pereira Brandão, *Elegíada*, de 1588, que apresenta um canto destinado ao trágico fim de Sepúlveda, e a epopeia trágica de Jerônimo Corte-Real, intitulada *Naufrágio e lastimoso sucesso da perdição de Manuel de Sousa Sepúlveda e Dona Lianor de Sá sua mulher e filhos vindo da Índia para este Reino na nau chamada o galião grande S. João que se perdeu no cabo de Boa Esperança na terra do Natal. E a peregrinação que tiveram rodeando terras de cafres mais de 300 léguas até sua morte*, poema em 17 cantos, publicado após sua morte, em 1594, alcançando notoriedade na época.

Entretanto, a *História Trágico-Marítima*, compilada por Bernardo Gomes de Brito, no século XVIII, publicada em dois volumes em 1735 e 1736, respectivamente, é considerada um dos mais valiosos registros das desventuras dos *barões assinalados* por mares *nunca de antes navegados*, recuperando diversas narrativas de naufrágios, sendo o de Manuel de Sousa Sepúlveda, ocorrido em 1552, o primeiro dentre os doze relatos que são apresentados, e certamente um dos que exercem maior impacto sobre o leitor, em função de sua tragicidade.

Tendo origem em relatos de navegações, geralmente de autoria anônima e em formato muito próximo à nossa conhecida literatura de cordel, as histórias de navegantes circulavam por Portugal como uma das grandes modas dos idos do século XVI. As grandes conquistas marítimas, tão eloquentemente cantadas por Luís Vaz de Camões em sua epopeia, surgem na sociedade portuguesa de Quinhentos com a insígnia da morte e do pesadelo, devidos à *glória de mandar* e à *vã cobiça* portuguesas, que levavam diversos navegantes à perdição. A febre de

riquezas transformava a “*carreira da Índia* em insaciável sorvedouro de vidas e de fazendas – que nela se jogavam como um jogo de azar”¹.

José Cândido de Oliveira Martins, em seu estudo sobre o *Naufrágio de Sepúlveda*, aponta, em comentário sobre a *História Trágico-Marítima* e a tragédia do galeão São João, que “desde o princípio que o narrador anônimo insiste na ideia da onipotência e inexorabilidade do castigo divino”², mostrando que, apesar da intenção do “anônimo autor [de] provar a generosidade e solidariedade de Sepúlveda,”³, o fim deste será cruel, [pois o] “altruísmo [não foi] suficiente para igualar os seus pecados ou demonstrar arrependimento”⁴. A presença do castigo divino, temática tão cara ao medievo e à literatura barroca, acaba por elevar a tragédia de Sepúlveda a um grau mítico-religioso, transformando-a em uma das representações mais emblemáticas da História Trágico-Marítima portuguesa.

António José Saraiva e Óscar Lopes, em palavras sobre o *Naufrágio de Sepúlveda*, de Jerônimo Corte-Real, afirmam que o poema “traduz manifestadamente o ambiente patético e tétrico de Alcácer-Quibir”⁵ – local onde desapareceu D. Sebastião, em 1578, gerando um pessimismo ímpar na sociedade portuguesa de então. Ainda segundo esses estudiosos, “toda a concepção do poema obedece a um sentimento de tragédia colectiva, que abrange de um modo muito específico a aristocracia nobiliária”⁶.

Sendo um dos episódios mais retomados da Literatura Portuguesa, o *Naufrágio de Sepúlveda* pode ser alçado à categoria de mito, não por explicar a origem da expansão ultramarina portuguesa, mas por representar as desgraças consequentes de tal desejo de descobertas e de formação do Império e, principalmente, pela sede de riqueza e de fama.

Flávio Kothe, em seu estudo sobre o herói, define a Tragédia como a “história dos vencidos”⁷, em que o herói trágico terá como percurso a queda,

¹ Cf. Nota histórico-bibliográfica em BRITO, Bernardo Gomes de. *História Trágico-Marítima*. Notas de Damião Peres. Porto: Portucalense Editora, 1942, p. 6.

² MARTINS, J. Cândido. *Naufrágio de Sepúlveda: texto e intertexto*. Lisboa: Editora Replicação, s/d, p. 13.

³ Ibidem, p. 13.

⁴ Ibidem, p. 13.

⁵ SARAIVA, António José & LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, s/d, p. 388.

⁶ Ibidem, p. 388.

⁷ KOTHE, Flávio R. *O Herói*. São Paulo: Ática, 1985, p. 28.

tendo na sua desgraça a sua grandeza⁸. E é a partir da definição de Kothe que aproximamos Manuel de Sousa Sepúlveda do *herói trágico*, pois o que se vê no percurso do protagonista é a queda, ou melhor, o naufrágio e a perdição em terras africanas. Sepúlveda, dessa forma, não seria o herói das grandes conquistas, mas o herói dos reveses, do infortúnio na edificação do *Novo Reino* cantado por Camões.

O relato do naufrágio do galeão São João, de autoria anônima, presente na compilação de Gomes de Brito, possui caráter realista, ganhando contornos fantásticos na Literatura, perpetuando-se em diversos textos. Segundo Eduardo Lourenço, o contradiscurso das Histórias Trágico-Marítimas acaba por reforçar ainda mais o caráter mítico das conquistas portuguesas:

[...] tais textos, mais do que nenhuns outros, navegam integralmente, são feitos, inscritos, subdeterminados não só pela realidade das Descobertas como mito. Funcionam dentro deste texto único como imaginário contra-texto ou impossível anti-texto. Aí, mais do que na transfiguração épica do acontecimento Descobertas, nós somos, nós vemos, nós glosamos como Navegadores, Descobridores, Heróis do Mar.⁹

Vemos ainda reminiscências do capitão do galeão grande São João em obras de diversos poetas e escritores, entre eles: Manuel Barbosa du Bocage e Almeida Garrett, expoentes do Arcadismo e do Romantismo portugueses, respectivamente.

Manuel de Sousa Sepúlveda também permanece na literatura contemporânea. A figura do grande herói trágico português surge totalmente dessacralizada em obras de escritores como António Lobo Antunes – *As Naus* – e Vasco Graça Moura – *Naufrágio de Sepúlveda* –, entre outros, que se utilizam do *mito* e das *Histórias Trágico-Marítimas* para repensar Portugal no que tange à percepção de um país estagnado que, como o galeão de Sepúlveda, naufragou no oceano da História.

Nota-se nas diversas representações de Manuel de Sousa Sepúlveda, seja na épica camoniana, seja nos relatos de naufrágios, na lírica e nas narrativas pós-modernas, o estabelecimento de um personagem histórico-literário que permeia o imaginário coletivo português, sendo um representante de todos os infortúnios decorrentes da *vã cobiça*, tão enfaticamente criticada pelo Velho do Restelo, em *Os Lusíadas*. Ora como herói desafortunado nos textos tradicionais, ora como um

⁸ Cf. KOTHE. F. Op. Cit., p. 12.

⁹ LOURENÇO. Eduardo. “As descobertas como mito e o mito das Descobertas”. In: *Colóquio dos Descobrimentos – Comunicações*. Lisboa: UAL, 1997, pp. 139-140.

anti-herói nos contemporâneos, sua constante presença ao longo da Literatura Portuguesa inscreve-o como um dos grandes mitos do imaginário lusitano.